

## CENTENÁRIO DE ACADÊMICO.

Celso Maria de Mello Pupo.

Os antigos tinham uns hábitos práticos que bem significavam a sabedoria que orientava a vida ainda no findar do século dezanove. Em questão de nomes de pessoas, os filhos eram comumente chamados pelo nome próprio seguido do nome paterno, criando-se um patronímico popular mas de incontestável valor designativo.

Contemplávamos, ha dias, uma tela magnífica de J. Piereck, pintor alemão que deixou em Campinas vários retratos; contemplávamos esta tela com a figura de um fino cavalheiro, da alta sociedade do século passado, tratado comumente por Sinhô de Nha Raquel. E, ainda, os parentes do retratado tergiversáramos da tela, tergiversam ao dizer o verdadeiro nome do Sinhô que realmente se chamava Francisco Fernandes de Abreu e que era filho do Capitão Antônio Fernandes de Abreu e de Dona Raquel Umbelina de Camargo, viuva que lhe transmitiu o apelido popular.

Assim, nosso avós, na prática da vida calma em meio de escassa população, distinguiam os amigos com o nome próprio, seguido do nome paterno, ou materno quando o pátrio poder era exercido por mãe viuva. Em nossa meninice, de uma nossa tia avó com quem passávamos as férias em Campinas e com quem viemos morar a partir de 1914, ouviamos constantes referências ao sobrado das Custódios, um belo solar que ainda existe a rua Barreto Leme esquina de Francisco Glicério.

Eram, então, proprietários d'êste sobrado, um filho e filhas de Custódio Manuel Alves, o terceiro, filhas que visitavam nossa tia, com o correspondente pagamento da visita, ao qual nos incorporávamos gostosamente para poder apreciar o suntuoso solar que melhor conheceríamos mais tarde, em casamentos de membros da família.

Três foram os Custódios desta estirpe: o primeiro Custódio Manuel Alves era português, nascido na freguesia de São Pedro do Bairro, Braga, filho legítimo de Antônio José Alves e de D. Mariana Francisca Moreira; neto paterno de Francisco de Abreu e de D. Francisca Alvares da Silva; neto materno de Manuel Francisco Moreira e de D. Joana de Andrada. Êste Custódio que, como o pai, usou a abreviatura Alves como apelido, transferiu-se para o Brasil e casou-se em Itu, aos 3 de março de 1794, com D. Ana Maria Cordeiro Novaes, de família fidalga, filha legítima de Joaquim Alvares de Magalhães, de Itu, e de D. Ana Cordeiro de Moraes; neta paterna de Francisco Novaes de Magalhães, nascido em Guimarães, x e de D. Maria Francisca Vieira, de Itu; neta materna de Tomaz Correa, de Jundiá, e de D. Isabel de Anhaia, de Porto Feliz.

O primeiro Custódio Manuel Alves, casado e já com filhos, mudou-se para Campinas; do seu casamento, o inventário

de seus bens registrou nove filhos, entre os quais Joaquim Roberto Alves, nascido em Itu, e cujo casamento em maio de 1838, noticiamos em crônica ~~na~~ nesta mesmas colunas, com suas festas, mesas de doces, baile, e continuação em dias seguintes com as novas danças, jantar, etc. Dêste casamento nasceu outro Joaquim Roberto Alves, casado com D. Francisca Maria de Azevedo, pais do escritor e teatrólogo Amilcar Alves, avós e bisavós de campineiros de hoje; nasceu D. Ana Maria Cordeiro de Castro, casada com Joaquim Gabriel de Castro, que conhecemos já idosa, viuva, senhora de sua casa, inteligente, ainda executando suas músicas ao piano e ao sabor do seu talento artístico que transmitiu a filhos, netos e bisnetos.

Outro filho do primeiro Custódio, foi o segundo Custódio Manuel Alves, nascido em Itu, casado em Campinas aos 5 de outubro de 1828, com D. Ana Carolina de Barros, de Moji Mirim, filha do Capitão Luís Silvério de Barros e de D. Ana Esméria da Cruz, casamento que teve por testemunhas o Sargento Mor Antônio Francisco de Andrade e o Sargento Mor José Custódio de Oliveira, de Porto Feliz.

Filho do segundo, foi o terceiro Custódio Manuel Alves, proprietário do sobrado, casado em Campinas aos 11 de março de 1865, com D. Januária Pinto de Oliveira Nunes, filha legítima de Victorino Pinto Nunes e de D. Maria Custódia de Oliveira Nunes; o casamento teve por testemunhas o Barão de Atibaia e o Dr. Luís Silvério Alves Cruz.

Em estampa da Revista do Centro de Ciências, nº 65, está reproduzido o sobrado da rua Barreto Leme; ~~kanas~~ à sua frente, um outro sobrado com a fachada principal para a rua Francisco Glicério e esquina para a rua Barreto Leme, propriedade do Barão de Atibaia; ~~foi~~, também, elegantíssima residência, localizando-se ambos em zona preferida da cidade, onde se ~~dis~~ situavam outras residências como a do Barão de Itatiba que a deixou para o seu filho José Ferreira Penteado, fronteira à casa de Joaquim Floriano Novaes de Camargo. Logo em outra quadra, estava a casa construída por Francisco de Paula Bueno em 1867, vendida, ~~p~~ depois, a Joaquim Carlos Duarte.

Esta última era uma vasta casa assobradada, muito alta, com dezoito e meio metros de frente, monumental porta de entrada, escada e corredor de dois metros e trinta e cinco centímetros de largura, ladeado por duas salas de frente, ambas seguidas, cada uma, de quatro alcovas, e depois, de imensa sala de jantar com catorze metros de comprimento, de mais uma alcova e de um segundo lance com mais seis cômodos. Esta casa passou à propriedade de Luís de Assis Pacheco e, dêste, a Antônio Benedito de Castro Mendes, última família que a possuiu como residência.

Joaquim Carlos Duarte era pai de Rafael de Andrade Duarte, vendo-se que estas famílias se uniam por laços de grande amizade: o Sargento Mor Antônio Francisco de Andrade era tio avô de Rafael Duarte e os Barões de Atibaia os seus padrinhos de batismo. Rafael Duarte casou-se com a filha do terceiro Custódio Manuel Alves,

D. Maria Alves Pinto; e é êle o acadêmico, fundador da cadeira nº 27 da Academia Campinense de Letras, que terá seu centenário de nascimento no ano corrente, aos 21 de setembro, sendo ja tempo de cuidarem, os seus confrades, de comemoração condigna da data em que, pela primeira vez, um acadêmico de Campinas chega ao centenário.

Inteligente e de boa cultura, deixou Rafael Duarte valiosa bagagem literária; "escreveu para jornais, fêz versos, traçou biografias, traduziu do francês comédias e dramas, escreveu comédias, dramas, entreatos e um romance de costumes", e crônicas históricas sob o título de Campinas de Outrora. Bom literato, dedicado homem público, chefe de família afetuoso, amigo leal, Rafael Duarte foi um animador incansável de uma vida social sadia e erudita, mantendo nos organismos que fundou e dirigiu, o ambiente de cordial convivência em nível elevado, conquistando a simpatia de todos e a simpatia e confiança da mocidade.

Este é um aspecto da personalidade de Rafael Duarte que influiu benêficamente na juventude que o cercava. Privando com êle nas atividades do Clube Semanal de Cultura Artística, pudemos aprender a estima-lo, pela finura de sua educação, pela delicadeza do seu trato, pela erudição com que orientava, dispensando aos moçoilas, entre os quais nos encontravamos, atenção que cativava, elevando os moços e incentivando-os para as coisas do espírito.

A Cultura Artística que êle fundou revivendo o Clube Semanal, por suas mãos tornou-se um centro sadio de atividades dos moços da época, com a disciplina e a alegria que êle sabia implantar. Experimentamos um incentivo seu, quando nos escolheu para participar de uma comédia que êle havia traduzido do francês: chamou-a na época, "Le Pendentif", que cremos ser a registrada por Milton Duarte Segurado, seu neto, na revista número 65 do Centro, com o nome de "O Adereço", de autoria de Compunham conosco o elenco, as senhorinhas Elsa Carqueira Lima, Aidê Cunha e Isabel Fabiano Sales; disse, a final, o mestre, estar satisfeito com o desempenho, especialmente com o nosso papel de maestro

Lembra-nos um fato que dêle sempre ocultamos para não reduzir o nosso pretígio: em uma noite enluarada, quando a mocidade tanto gosta de perambular até a madrugada, em palestras e discussões de amigos, sobre literatura, poesia, arte, administração, religião, amores contrariados ou satisfeitos, correndo as ruas sem vontade de ir para casa, paramos numa esquina com dois amigos, todos loquazes e cheios de entusiasmo como a hora calma, o silêncio e a solidão induzem/ os principiantes; a certa altura dos debates, abre-se uma janela da casa dessa esquina, e um senhor reclama contra o vozerio que não o deixava dormir, reclamação enérgica e rápida sem que o reclamante vislumbresse as feições dos imprudentes. Assuêtamo-nos; era "Seu Rafael"; silenciosos deixamos o local guardando segredo sobre a imprudência cometida. La se vai meio século, e temos saudades até da repreensão!